

Identidade Cristã e Cidade dos Homens

Notas para um 'diálogo'

JUAN AMBROSIO

Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa

Breve palavra introdutória

O título que escolho para estas notas, que se juntam ao volume com que a revista *Didaskalia* quer justamente homenagear a pessoa e o trabalho da Prof^a. Doutora Maria Manuela de Carvalho, têm a ver com alguns episódios da minha vida pessoal.

Conheci a Doutora Maria Manuela na Paróquia dos Anjos. Foi aí, e no contexto da preparação para a celebração do Sacramento do Crisma, que comecei a ter os primeiros contactos com o trabalho da reflexão teológica. Lembrome bem do interesse que em mim foi suscitando a apresentação que fez acerca da identidade e da missão cristãs. A ideia desde então ficou clara: A opção cristã é para ser vivida no meio da vida, no meio da cidade que habitamos.

Muita coisa entretanto se foi passando, e em vários momentos da minha vida a sua presença foi importante. Não é aqui o lugar para os referir, digo simplesmente que por eles estou grato e dou graças a Deus. Trazendo a memória esse percurso, que continua a ser presente, não podia deixar de colaborar neste número.

A questão da Identidade cristã é uma questão complexa que não vou aqui abordar explicitamente. Direi apenas algo que já todos sabemos. A identidade cristã, como qualquer outro processo de identidade, não se refere nunca a uma realidade estática, acabada e dada de uma vez por todas, mas, pelo contrário, implica sempre um processo em constante realização dialógica.

Sublinhar a importância deste diálogo na construção da identidade cristã e na edificação da cidade, apontando algumas das suas notas características, é o que me proponho fazer nas linhas que se seguem¹.

1. A cidade (a que cidade nos referimos)

Porque falo em cidade, convém explicitar o entendimento que dou a esta realidade. Para isso recorro a palavras de D. José Policarpo:

“A cidade é o lugar da convivência dos homens, onde nenhum ser humano pode viver a sua vida desligado da vida dos seus irmãos. Edificar a cidade é encontrar a convergência e a harmonia entre o bem pessoal e o bem comum. Viver na cidade é sinal de convivência e corresponsabilidade. A cidade é o rosto visível da comunidade humana, onde cada homem é responsável pelos outros homens.”²

Três ideias se podem destacar aqui:

- A cidade lugar de convivência;
- Na procura de convergência e harmonia entre o bem pessoal e o bem comum;
- Ela é o rosto visível da comunidade humana.

Nesta linha, tem particular interesse a reflexão feita por Mafalda Faria Blanc. Para ela,

“A palavra ‘habitar’ no seu sentido metafórico reenvia-nos a esse conjunto de hábitos, de modos de ser e de agir, que informam a vida dos homens nas suas relações com o entorno – as coisas da subsistência, os outros da convivência, mas também e, quiçá,

¹ Este texto tem por base uma conferência realizada no âmbito de uma Acção de Formação Contínua para Professores de EMRC do Ensino Básico e Secundário, promovida pelo Secretariado Diocesano do Ensino Religioso do Patriarcado de Lisboa, no ano de 2006.

² Carta Pastoral, *A Igreja na Cidade*, de 8 de Setembro de 2005, 1

principalmente, o todo da realidade envolvente com a sua riqueza, a sua história, o seu mistério.

Trata-se de um jeito de instalação no mundo, uma arte de viver em harmonia, que se traduz, de cada vez, pela eleição de um conjunto de gestos significativos e de ritos civilizacionais. Estes vão perfazer, como estilo de existência, a base transmissível e perfectível, da identidade cultural de uma determinada sociedade.”³

Como vemos, a mesma ideia de convivência está presente: convivência com o meio, convivência com os outros. Convivência que exige uma arte de viver em harmonia e um determinado jeito de instalação no mundo, que, por sua vez, pressupõe e exigem um determinado conjunto de gestos significativos e de ritos civilizacionais. A este nível – o nível da cultura – estamos de novo na presença do rosto da comunidade humana. A maneira como o ser humano ‘habita’, marca profundamente a fisionomia do rosto humano da comunidade e, a partir dela, podemos perceber melhor o entendimento e a qualidade do humano que se tem e se vive na cidade.

A cidade é, pois, o resultado e a expressão da actividade humana. É uma obra colectiva, nunca acabada e em constante evolução sendo o resultado dos esforços de sucessivas gerações. A memória do passado, o entendimento do presente e a antecipação do futuro, são dimensões que se revelam fundamentais para entender, edificar e viver a cidade. Por isso, a cidade pode ser chamada, como o faz acertadamente Manuel Teixeira, como um Palimpsesto da História⁴.

Ao falar em cidade falo, pois, em lugar adaptado pelo ser humano, a partir do espaço natural, para conseguir o habitat mais conveniente e agradável para a sua existência. E o mais importante não é de todo o espaço, mas o processo de adaptação, a partir do qual o ser humano se pode sentir “a participar na criação do seu espaço de vida. O continente de que ele próprio é o conteúdo.”⁵

Nesta linha revela-se interessante a referência que Manuel da Costa Lobo faz ao pensamento de Lewis Mumford. Segundo este autor (Mumford) as origens da cidade podem ser encontradas na Necrópole.

³ *Arte de habitar*, in *Communio* 4 (2004) 391.

⁴ “Cada cidade é constituída por uma série de estratos conceptuais, cada obra é o resultado de experiências anteriores. A cidade é um palimpsesto da história.” Manuel C. Teixeira, *A cidade, palimpsesto da história. A tradição cultural da cidade*, in *Communio* 1 (1994) 36.

⁵ Manuel da Costa Lobo, *O fascínio da Cidade*, in *Communio* 1 (1994) 21.

“De facto, para o nómada, a necrópole terá sido o primeiro espaço onde o homem, aí depositava os seus mortos, passou a voltar regularmente ao mesmo local, não só para trazer outros mortos mas para aí meditar sobre a vida e sobre o seu significado, sobre o culto dos antepassados, sobre o Criador, sobre o senhor da vida e da morte. Também nesse local se devem ter sedentarizado, finalmente, os responsáveis pelo culto e, mais tarde, as escolas de filosofia e astrologia, os espaços de convívio e concertação de ideias, o todo acarretando abastecimento, comércio, abrigos/construção. Era afinal, a concretização de um espaço urbano com dimensão cultural e não exclusivamente funcional, vegetativo – era o surgimento da cidade.”⁶

Não tenho grandes conhecimentos na área da história da evolução das cidades, pelo que me é fácil aceitar que existirão muitas outras teorias e muitos outros factores que ajudarão a explicar o aparecimento e a compreensão do que hoje entendemos por cidade. De qualquer modo, gostaria de sublinhar uma ideia, que me parece muito importante: o mais decisivo na cidade não é a sua dimensão funcional. Como diz Manuel da Costa Lobo “o homem é a componente essencial da cidade, sem o que ela mais não será do que um montão de pedras. Assim, o aspecto da humanização da cidade e a sua dimensão espiritual são pontos fulcrais no seu conceito.”⁷

Ao falar em cidade é sobretudo a esta dimensão, do habitar, do criar as condições para a realização de uma existência verdadeiramente humana que me refiro. A este nível estamos totalmente imersos no campo da cultura que, para o objectivo que aqui nos interessa, se pode entender primordialmente como o acto daqueles que, habitando uma terra, dela cuidam com a intenção de a tornar fértil e produtiva⁸.

Igualmente ao falar na identidade cristã na cidade dos homens é a este nível que me quero situar: Como é que o exercício da nossa identidade pode ajudar a construir a cidade de maneira que ela se torne terra fértil e produtiva para a realização da condição humana?

⁶ *Ibidem*, 22.

⁷ *Ibidem*. O constante esquecimento desta realidade leva o autor a interrogar-se se as nossas cidades não serão afinal simples aglomerados humanos sem alma, cf *Ibidem* 24.

⁸ O paralelismo entre cultura dos campos (tratar dos campos para que estes produzam) e cultura do espírito (tratar do ser humano para que este produza), paralelismo já adoptado por Cícero, é fácil de se estabelecer aqui. Cf a este propósito J. Pedro Serra, *habitar na Cidade Labirintica*, in *Communio* 1 (1994) 11-12.

2. O Cristão estrangeiro no mundo

Reflectindo sobre a relação do cristão com o mundo Marie-Françoise Baslez⁹ afirma que é preciso esperar pelo final do *sec I* para que comece a surgir uma reflexão teológica a este nível, e isto porque para a geração de Paulo o problema verdadeiramente não se colocava, uma vez que se vivia na espera iminente do retorno de Cristo.

Nos anos 90 os cristãos olham a sua vida na terra e o tempo da Igreja, como um *tempo de passagem*. É o que ficou conhecido como sendo o tempo do “visitador de passagem”, do “estrangeiro” ao mundo, onde se privilegia uma certa atitude de abstinência, aspirando à cidade que lhe é própria e que é identificada como sendo a cidade celeste. Esta certa indiferença pelo mundo, diz Marie Françoise, acaba mesmo por radicalizar-se sobretudo nos meios mais marcados pela apocalíptica judaica, como é testemunhado pelo *Pastor de Hermes* – escrito em Roma por volta do ano 100 – no qual se concebe uma Igreja ideal, preexistente e escatológica. O cristão é, assim, um estrangeiro no mundo e assim se deve manter.

À medida, porém, que esta expectativa se vai dilatando cada vez mais no tempo, começa-se a pensar o tempo da Igreja como um *tempo intermédio*, a que S. Justino vai chamar ‘o tempo de difusão do evangelho no mundo’. Agora ser estrangeiro no mundo e pertencer ao povo de Deus já não é equivalente a permanecer estrangeiro no mundo.

É neste contexto que surgem as afirmações da *Carta a Diogneto* – escrita por volta do ano 190, por autor que desconhecemos. Os cristãos pertencem a duas cidades, a cá de baixo e a do céu. Trata-se, sem dúvida, de uma situação paradoxal uma vez que isso faz com que eles se sujeitem simultaneamente às leis e costumes dos homens e às leis de Deus. Contudo eles não só enfrentam este paradoxo como o vivem. Deste modo, não constituem um gueto à parte e, em certo sentido, em nada se distinguem dos outros homens. Eles estão no mundo, participando nas actividades colectivas da comunidade local, conforme o que lhes permite a seu estatuto civil de cidadão ou estrangeiro. Ao fazê-lo são a alma do mundo; são o seu elemento inspirador e princípio unificador, tal como a alma o é para o corpo.

⁹ *Habitar o mundo. Quando os primeiros cristãos escolheram a cidade*, in *Communio* 4 (2004) 467-469.

Todos conhecemos, também, a reflexão que bastante mais tarde Sto. Agostinho faz:

“Dois amores deram origem a duas cidades: o amor de si próprio até ao desprezo de Deus, a terrena; e o amor de Deus até o desprezo de si, a celeste. A primeira gloria-se em si própria; a segunda gloria-se no Senhor. Aquela solicita dos homens a glória; a maior glória desta consiste em ter Deus como testemunha da sua consciência.”¹⁰

E podíamos continuar, percorrendo a história da Igreja, encontrando com facilidade, de uma maneira mais ou menos explícita, e com várias tonalidades, este filão. De facto, como diz Jesus Espeja, quando as tradições são muito prolongadas, facilmente geram tradicionalismos que são depois muito difíceis de ultrapassar. Tal como o evangelho, a fé só existe inculturada e, por vezes, torna-se muito complicada a nossa tentativa de manter a fidelidade sem a confundir com as formas culturais que foi adoptando ao longo dos tempos¹¹.

Na tradição católica do Ocidente foi prevalecendo uma visão dualista entre corpo e alma, entre o material e o espiritual, entre o mundo daqui e o mundo de mais além, entre o sagrado e o profano. Do paradigma do estrangeiro passou-se para o paradigma da ‘fuga do mundo’, que acabou por marcar de uma maneira muito vincada a espiritualidade da tradição católica latina. Daqui acabam por surgir dois efeitos dos quais hoje podemos perceber as suas limitações: por um lado, foram-se secundarizando os aspectos positivos do mundo como família humana e como mundo criado, que, apesar do pecado, continua a ser obra do criador que continua a querer salvá-lo; por outro, insistiu-se na vocação religiosa acentuando a sua característica de ‘fuga do mundo’ como paradigma da vida cristã ao qual, dentro das suas possibilidades, todos os fieis eram chamados¹².

Os fundamentos bíblicos para esta reflexão, também, facilmente se tornam presentes na nossa memória e no nosso imaginário crente:

“Vi então um céu novo e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra se foram, e o mar já não existe. Vi também descer do céu, de junto de Deus, a cidade santa,

¹⁰ St. Agostinho *Civ. Dei*. XIV, 28.

¹¹ *Creer en este mundo*, BAC, Madrid 2000, 23.

¹² Cf *Ibidem*, 30-31

uma Jerusalém nova, pronta como uma esposa que se enfeitou para o seu marido” [...] “Ele então me arrebatou [um dos sete anjos] sobre um grande monte, e mostrou-me a cidade santa, Jerusalém, que descia do céu, de junto de Deus, com a glória de Deus” (Ap 21, 1-2. 10)

Sabemos, igualmente, como ao longo dos tempos não faltaram reflexões que identificaram esta cidade santa com a própria Igreja.

Todos entendemos o que estas reflexões querem dizer. Para nós a vida e a existência não se resumem a este tempo que nos é dado viver entre o nascimento e a morte. Acreditamos que em Deus podemos alcançar a plenitude que intuímos e pressentimos estar na nossa matriz e para a qual nos sentimos claramente atraídos, mesmo que muitas vezes não saibamos formular, ou traduzir por palavras e conceitos, essa realidade.

Quando falamos que a cidade vem do Céu, vem do próprio Deus, com isto queremos afirmar que esse destino, muito mais do que ser alcançado por uma conquista meramente humana, é sempre um dom gratuito de Deus.

Sabemos isto tudo e concordamos com o seu significado, mas também sabemos – e é preciso dizê-lo com verdade – como uma reflexão cada vez mais desenraizada desta perspectiva foi dando origem a um pensamento dicotómico, que acabou por confundir a tensão existente entre as duas cidades, com oposição e antagonismo.

De facto, o cristão não é só cidadão da cidade dos homens. Está é uma verdade que não podemos esquecer, sob pena de pormos em causa a nossa própria identidade. Mas é igualmente verdade que o cristão não pode ser somente cidadão da cidade de Deus. Na realidade, a identidade cristã implica ser cidadão da cidade de Deus na cidade dos homens. Não se pode ser cidadão da cidade de Deus à custa da cidadania da cidade dos homens, tal como, para o cristão, não se pode ser cidadão da cidade dos homens à custa da cidadania da cidade de Deus. A identidade cristã tem de ser vivida no mundo, e quando afirmo no mundo, não falo num mundo abstracto, mas no mundo concreto que a cada um de nós nos é dado viver¹³. Não há outro caminho possível se nos quisermos manter fiéis ao percurso de Jesus Cristo.

O mistério da sua encarnação exige a cada um dos cristãos a contemporaneidade com os homens e mulheres que vivem cada momento da história. Foi

¹³ Este é o pano de fundo presente na reflexão de Jesús Espeja, *Creer en el mundo*.

para levar à plenitude a obra da criação que Deus enviou o seu Filho. Jesus de Nazaré não foi um mestre que pregou teorias sobre o mais além, sobre outro mundo e outra cidade. Pelo contrário, quando anunciava o Reino de Deus anunciava-o como uma realidade já a acontecer no meio da vida, como uma realidade que tinha de acontecer no meio da vida. Tem toda a razão Jesus Espeja quando afirma que o Criador acompanha sempre a sua obra, e a história da salvação passa – obrigatoriamente sublinho eu – pela salvação da história¹⁴. Não tenhamos dúvidas, fora do mundo não pode haver salvação.

A fé cristã proclama que em Jesus Cristo, humanidade e divindade estão indissolivelmente unidas. Isto quer dizer que a divindade não é uma realidade que está «junto a», «por cima de» e muito menos à «custa de». A divindade de Jesus Cristo faz-se presente, revela-se e acontece na sua humanidade histórica¹⁵. Do modo análogo, a cidade de Deus só pode acontecer na cidade dos homens, ou se quisermos dizer de outra maneira, o cristão só pode verdadeiramente ser cristão se o assumir ser na cidade dos homens.

3. A Identidade Cristã. Uma realidade em constante construção

A identidade cristã não é um processo encerrado e acabado como todos sabemos. Ela é uma realidade sempre a construir-se e sempre a construir-se a partir de três vectores essenciais: A fidelidade ao Mistério de Deus (cidade de Deus), a fidelidade ao mistério do ser humano (cidade dos homens) e a fidelidade a si mesmo¹⁶. Se quisermos este é também o percurso do próprio Jesus. A construção da sua identidade passa pela fidelidade a si mesmo, a Deus e aos homens. Esquecendo um destes vectores acabamos por em risco todo o edifício.

Não é preciso explorar muito esta ideia para todos percebermos que a identidade cristã na cidade dos homens só pode ser vivida e construída a partir de um profundo processo de diálogo que aponta essencialmente para duas direcções: a interpelação que fazemos à cidade dos homens; a interpelação que a

¹⁴ Cf *Ibidem*, 20-21. Jesus Espeja chama a atenção para o facto que de tanto empregar o termo salvação para falar num mais além, acabámos por negar consistência e valor às realidades e processos intra históricos. A salvação que chamamos eterna não é equivalente a uma salvação aparte do mundo, sem ter nada a ver com ele.

¹⁵ Cf *Ibidem*, 29.

¹⁶ Ao falar na verdade da Evangelização, o Patriarca de Lisboa, na Carta Pastoral *Missão na cidade*, de 26/09/03, refere que essa verdade exige e pressupõe a verdade dos homens a quem anunciamos, a verdade da fé de quem anuncia e a verdade da Palavra de Deus que anunciamos.

cidade dos homens nos faz. Com esta distinção não quero falar em dicotomia (creio que já ficou clara a minha posição quanto a absoluta necessidade e indispensabilidade da presença e pertença ao mundo), mas em desafios e tarefas que hoje nos são lançadas no exercício da nossa identidade cristã.

Contributo Cristão para a Construção da Cidade (algumas notas)

Começemos pelas interpelações que o nosso viver cristão pode e deve fazer à cidade.

É para mim importante verificar como ultimamente e em várias situações se tem dito de uma maneira clara e inequívoca que a Igreja não está no mundo, na sociedade, na cidade para dominar, mas, pelo contrário, para prestar um serviço e um serviço de humanização.¹⁷ Por parecer tão evidente, esta referência pode até soar de um modo estranho. Mas a verdade é que muitas vezes não temos sido o suficientemente claros a este nível. A nossa presença na cidade não é para a cristianizar é para a humanizar. Dito deste modo as coisas já não parecem, certamente, tão óbvias.

Para fundamentar esta afirmação socorro-me das palavras do Cardeal Patriarca de Lisboa, proferidas na homilia da Solenidade de São Vicente: “não querer dominar a cidade é também aprender a respeitar as diferenças, a reconhecer as convergências, embora propondo sempre com clareza a sua especificidade [da proposta cristã].”¹⁸

Com isto não estou a afirmar que o anúncio e o testemunho explícito de Jesus Cristo não possa e não deva ser feito. Pelo contrário, porque queremos contribuir para a construção de uma cidade com rosto mais humano e mais humanizadora, porque queremos edificar um espaço de verdadeira humanização, porque queremos criar as melhores condições para uma habitabilidade que seja humana e humanizante, testemunhamos e propomos Aquele em quem acreditamos e em quem encontramos a plenitude da realização humana.

¹⁷ Uma leitura, mesmo breve e superficial dos textos *Missão na Cidade* (Carta Pastoral do Patriarca de Lisboa de 26/09/03); *A Igreja na Cidade* (Carta Pastoral do Patriarca de Lisboa, de 8/09/05); *Mensagem de Natal* do Cardeal Patriarca de Lisboa (Natal de 2005, RTP); *A Igreja e a humanização da cidade* (homilia do Cardeal Patriarca na Solenidade de São Vicente em 22/01/06), revelam claramente esta ideia.

¹⁸ Homilia na Solenidade de São Vicente, 2. Mais à frente o Patriarca reforça a ideia afirmando “e todos sabemos que hoje, no âmago da cidade, há convergências, mas também divergências e confrontos. Aceitá-los com realismo e verdade não impede o empenhamento na construção da cidade, na certeza de que está só será mais humana se não transírmos, nunca e em nada, na defesa da misteriosa dignidade da pessoa humana.”

A exigência da evangelização, diz o Patriarca de Lisboa na Carta Pastoral *Missão na cidade*, “brota de um duplo dinamismo: a vontade do Senhor que envia a Igreja de todos os tempos a anunciar a boa nova da salvação e o apelo da cidade dos homens e mulheres nossos irmãos que partilham connosco o drama da vida, nesta cidade que nós amamos.”¹⁹

Este dinamismo, já o dissemos e repetimo-lo agora, é fundamental para a construção da identidade cristã. Ele brota da vontade de Deus que quer propor a salvação a todos os homens (na linha do que temos estado a reflectir podemos dizer que quer uma cidade de rosto mais humano e humanizante) e da própria vontade do ser humano de ser feliz (de ser salvo). Por isso, insisto de novo, é fundamental uma atitude de atenção solícita e amorosa para com os outros, no profundo respeito pela sua dignidade. Este respeito e essa atenção têm mesmo de ser uma das notas características da própria identidade cristã.

Permitam-me aqui uma espécie de parêntesis para, recorrendo às palavras de Mehmet S. Aydin, afirmar que neste caminho do diálogo e do respeito já muito se fez, mas ainda muito há por fazer.

“ [...] a visão do mundo de um crente é muito diferente da de um ateu. Mas o crente e o ateu podem ambos – e, de facto, devem – juntar os seus esforços para lutar contra o racismo, a limpeza étnica, o desemprego, a pobreza, a injustiça, a opressão... há sérias diferenças teológicas entre judeus, cristãos e muçulmanos. Mas poderão essas diferenças desculpá-los de não cooperar no seu combate pelos direitos do homem, da democracia, da vida moral, etc.?”²⁰

E umas páginas mais à frente afirma:

“temos de rever a nossa filosofia da educação, em geral, e a da nossa educação religiosa, em particular. Para falar do ponto de vista ideal, devemos começar a aceitar o seguinte desafio: o de contribuir para educar gerações que amem a paz e queiram fazer a paz. [...] Não sabemos ainda ‘deixar o outro existir’, o que seria o primeiro passo para a mais simples forma de coexistência, ainda que falte muito tempo para se chegar à etapa posterior que seria a de ‘ajudar o outro a existir’.”²¹

¹⁹ Nº 3

²⁰ *O contributo das religiões para a partilha dos valores e da cidadania comum*, in *Communio* 5 (2001), 432.

²¹ *Ibidem*, 436.

Nenhum esforço humano, seja ele religioso ou outro, é suficiente por si só para humanizar a cidade. Sabemos também que a religião não é o remédio universal para todos os males que afectam a humanidade. Mas apesar disso, os crentes não podem deixar de exercer o papel indispensável que lhes toca²².

De facto, como diz o Cardeal Patriarca, “aos crentes cabe-lhes ter a coragem de afirmar a mais valia da sua fé, na complexidade de uma sociedade plural, não se deixando tentar pela nostalgia de modelos de sociedade organizados à volta de modelos religiosos.”²³ Estando vigilantes, para evitar tanto o perigo de confundir o testemunho com uma visão meramente subjectiva da verdade, como a tentação de anunciar aquilo que agrada ser ouvido para poder ser bem acolhido²⁴, temos, no entanto, de perceber que o esforço para construir uma sociedade mais fraterna e mais digna do homem faz parte da nossa missão e marca a maneira como construímos a nossa identidade cristã.

A urgência de construir e promover uma nova forma de habitar, para utilizar palavras de Mafalda Maria Blanc²⁵, é um desafio inerente ao exercício da identidade cristã na cidade dos homens. O seu testemunho de fé pode e deve, nesta linha, exercer um papel importante no esforço contínuo de fazer da nossa cidade um lugar de convivência, de harmonia e de respeito.

Neste contributo dos cristãos para a humanização da cidade há certamente expressões privilegiadas pelo que significam de generosidade, de amor fraterno²⁶ de testemunho e interpelação. Entre essas cabe destacar a ajuda fraterna a prestar aos que mais dela precisam, bem como a luta contra a injustiça (quaisquer que sejam os contornos de que ela se revista) e a promoção da justiça.²⁷ Nesta linha parece-me que tem toda a razão Juan Martín Velasco quando explicitamente afirma:

²² Mehmet S. Ayden, no artigo já citado, faz referência à Declaração de Barcelona sobre o papel da religião na promoção de uma cultura da paz citando o seu número 2 “a religião não é o remédio universal para todos os males da humanidade, mas tem um papel fundamental a desempenhar neste período particularmente difícil.”

²³ *A laicidade*, in *Communio* 5 (2001) 393.

²⁴ Cf D. José Policarpo, *Missão na cidade*, 7

²⁵ *Arte de habitar*, 392.

²⁶ Recorro de novo às palavras proferidas pelo Cardeal Patriarca de Lisboa na homilia da Solenidade de S. Vicente. Ele fala explicitamente no contributo da Igreja, mas as suas palavras aplicam-se com facilidade ao âmbito da reflexão que temos vindo a desenvolver,

²⁷ Juan Manuel Cabo Suero, num artigo onde reflecte acerca da educação para a cidadania em Espanha, afirma explicitamente que a educação para a justiça é algo que não pode faltar em qualquer programação de educação para a cidadania que pretenda basear-se numa ética universal, cf *La educación para la ciudadanía en España desde la LODE y la LOGSE al anteproyecto de LOE. Algunas propuestas para la programación y los profesores*, in *Miscelanea Comillas*. Revista de Ciências Humanas y Sociales 122 (2005) 5-30.

“que o futuro da fé e do cristianismo está ligado ao compromisso dos cristãos e das instituições cristãs pela justiça. Porque esse compromisso é a prova da autenticidade da fé; porque é condição indispensável para o testemunho e, portanto, para a transmissão da fé [...], e porque a experiência de Deus, que é o eixo da vida cristã, está inseparavelmente ligada à experiência efectiva do amor ao próximo.”²⁸

O amor de Deus exprime-se efectivamente através do nosso amor. Na cidade, onde há muitas experiências de morte, torna-se, pois, necessário e urgente que o nosso amor possa inventar respostas, para ajudar as pessoas a transformar essas experiências em experiências de vida.²⁹

Nesta linha do contributo cristão para a construção da cidade, seja-me ainda permitida uma última nota que tem a ver com a cultura.

Como disse o Magno Chanceler na Sessão Solene do Dia da Universidade Católica (3 de Fevereiro de 2006):

“a cultura é uma batalha que não está ganha, nunca esta ganha, mas é uma batalha que conscientemente nenhum de nós pode aceitar perder, porque mais do que nunca, os grandes problemas do presente e do futuro das nossas sociedades têm soluções políticas, técnicas e económicas, mas nenhuma delas é verdadeiramente humana e definitiva se não se enquadrar na única, que é a solução cultural.”

Os cristãos não podem de modo nenhum ignorar a presença no mundo da cultura, porque esse é um dos grandes contextos em que muitos contemporâneos podem aprender a escutar outras linguagens fundamentais e necessárias para dizer a condição humana. A cultura tem por missão traduzir, expressar e ajudar a construir a condição humana, por isso ela não pode ignorar nenhuma das linguagens fundamentais para esse exercício. Infelizmente todos sabemos como a cultura dos nossos dias é pobre a esse nível.

Não tenhamos dúvidas, a humanização da cidade tem de ter uma tradução cultural. Claro que todos sabemos que vivemos num mundo em que o quadro civilizacional parece dizer que a fé e a religião nada tem a ver com a solução dos problemas concretos da cidade, ficando esta remetida ao mundo da mera subjectividade e à sua expressão cültica. Mas a cidade, porque é um facto organiza-

²⁸ *Metamorfosis de lo sagrado y futuro del cristianismo* = Aquí y Ahora 37, Sal Terrae 1998, 42.

²⁹ Cf de novo a homília da Solenidade de S. Vicente.

tivo que nasce da inteligência e da vontade da procura do bem comum, como muito bem diz António Janela, é também um facto moral que pode e deve ser iluminado pelo Evangelho³⁰. A fé cristã tem de ter uma inevitável incidência ética portadora de um quadro de valores que se tornem cultura e dos quais o crentes não podem abdicar no exercício da sua função específica ao serviço da sociedade. Só tornando-se cultura, esta incidência ética do Evangelho pode ter uma repercussão mais vasta do que a própria prática religiosa³¹.

De facto, só a cultura torna possível que uma grande parte dos cidadãos, mesmo não praticantes, ou até descrentes, se encontrem com os cristãos na proposta e defesa de valores fundamentais. Traduzir a proposta cristã em cultura e abrir a cultura a outras linguagens para que o humano possa ser plenamente dito é, pois uma tarefa inadiável, para o exercício da nossa identidade cristã na cidade.

O contributo da cidade para a construção da identidade cristã

Na vivência da identidade cristã na cidade não é só importante destacar o contributo desta para a construção da cidade, como é igualmente fundamental, sublinhar o contributo daquela para a construção desta. É isso que faço de seguida, ainda que a modo telegráfico e de interpelação, porque a reflexão já vai longa e é necessário terminar.

*A experiência humana como lugar teológico*³².

Não podemos ser cristãos na nossa sociedade e na nossa cultura, partindo de pressupostos e conceitos que não sejam os nossos, construindo uma história que não seja a nossa, vivendo uma vida que passe ao lado da nossa própria vida. De facto, a história demonstra que quando a teologia trabalhou com um logos anacrónico em relação com a experiência histórica se esgotou como tal teologia, convertendo-se numa linguagem ininteligível e insignificante, arrastando, na sua própria decadência, a fé e dando lugar a grandes crises religiosas.

³⁰ Cf *A pastoral na cidade*, in *Communio* 1 (1994) 60.

³¹ Cf a este propósito a homilia do Cardeal Patriarca de Lisboa – *A justiça e a humanização da cidade* – na Missa de abertura do Ano Judicial 26/01/06.

³² Inspiro-me a este nível na excelente reflexão feita por Juan MARTÍN VELASCO, *La religión en nuestro mundo. Ensayos de fenomenología* = Verdade e Imagem 53, Sígueme, Salamanca 1978, 247-263.

*A religião não é um peso que se soma à vida. A actividade pastoral não acrescenta um peso à vida*³³.

Muitas vezes no nosso agir damos a ideia errada de que a religião é um peso que se soma à vida, ou seja pelo facto de ser humano tenho estes direitos e deveres e pelo facto de ser religioso, ainda tenho mais estes. Para mim nada de mais falso. A religião não é um peso, mas uma ferramenta um dom ao serviço da vida.

Pelo facto de ser humano tenho estes direitos e deveres, tenho esta meta. A religião é algo que me permite realizar e alcançar mais plenamente essa meta.

Não se trata de facilismos, mas trata-se de ver que a religião não se opõe ao viver, mas está ao serviço do viver. Deus não é alguém que entra na vida para atrapalhar, mas alguém que se faz sentir (uma Presença sempre presente, mas nem sempre sentida) para ajudar a vida a ser vivida e realizada, mostrando os seus verdadeiros horizontes.

*Num contexto de pluralismo repensar o nosso dizer e testemunhar Deus*³⁴

Algumas das notas fundamentais do nosso tempo passam pela instalação na finitude, bem como pela pluralidade de perspectivas e caminhos para a realização da condição humana. Esta situação exige que repensemos as expressões e as justificações com que muitas vezes afirmamos e falamos da transcendência, no sentido de perceber até que ponto não contribuimos para o ambiente que presentemente nos desafia.

A transcendência é, para nós, um dado fundamental do viver humano. Mas nem sempre a religião foi fiel a esta dimensão, tendo muitas vezes sido exposta ao erro da idolatria como uma das suas perversões mais radicais. Idolatria que consiste fundamentalmente na ruptura da transcendência, ou seja, consiste em tomar por Deus algo que não é mais do que uma imagem criada pelo ho-

³³ Esta é umas das ideias que constantemente defende Andrés Torres Queiruga. Veja-se, p. ex. *El cristianismo en el mundo de hoy* = Aquí y Ahora 17, Sal Terrae, Santander 1992; *Confesar hoy a Jesús como el Cristo* = Cuadernos Fe y Secularidad, Sal Terrae, Santander 1995; *Un Dios para hoy* = Aquí y Ahora 33, Sal Terrae, Santander 1997; *Crear de outra manera* = Aquí y Ahora 39, Sal Terrae, Santander 1999.

³⁴ Esta proposta é feita por Juan MARTÍN VELASCO, *Ser cristiano en una cultura posmoderna*, PPC, Madrid 1996, 70-86. Recolho aqui algumas das suas intuições, sem, no entanto, ficar preso à sua reflexão.

mem, para assim evitar o radical descentramento que comporta a atitude religiosa autêntica.

A dificuldade de manter a transcendência em toda a sua radicalidade e pureza explica a tentação que, muitas vezes, o crente tem em reduzi-la a um mero objecto do seu desejo, tornando-a parte do seu mundo de coisas.

Ora a cultura em que vivemos tem verdadeiro horror a absolutização de realidades objectivas, mas apesar desta renúncia da transcendência, está permanentemente a apelar a 'transcendências menores', ainda que sejam transcendências sem transcendente. Assim temos que falar de Deus não como se ele fosse uma coisa que conhecemos e dominamos, mas como alguém (para nós cristãos) em quem nos podemos conhecer e assumir cada vez melhor.

Não será que muitas vezes em vez de falar de Deus aos homens nossos irmãos damos a imagem de quem fala em nome de Deus, ou mais grave ainda de quem fala em vez de Deus? Não será que também nós somos chamados a ter uma compreensão da relação com a verdade que é Deus que privilegie mais a procura sobre a posse, o desejo de se abrir a essa verdade sobre o domínio, a contemplação sobre o aprisionamento? Não será que em definitivo amar a Deus consiste sobre tudo em deixar-se invadir pelo seu amor, que constantemente nos remete aos outros como sendo também destinatários desse amor originário?

*Repensar a espiritualidade*³⁵

Como consequência de uma incorrecta leitura do ciclo da criação e do ciclo da salvação, acabou por se ir impondo na mentalidade cristã uma visão dualista. Esta mentalidade acaba por ir organizando todo o espaço religioso, de tal modo que começamos a aceitar que Deus é aquele que esta em cima e nós em baixo e que o sagrado é aquilo que pertence a Deus e o profano aquilo que nos pertence.

Desta concepção dualista, derivou espontaneamente uma visão negativa da vida e da realidade. A salvação é separada da criação e acaba por se contrapor a ela, de tal modo que tudo aquilo que é criado acaba por correr o risco de aparecer como mau e corrupto. Nesta linha, a fuga do mundo e a negação do mundo acaba por ser uma consequência lógica. Nasce, assim, uma perspectiva exclusivamente sacrificial da espiritualidade cristã. Só o que é feito com esforço

³⁵ Uma vez mais tenho presente o pensamento de Torres Queiruga.

e sacrifício pode ser premiado por Deus. Só a nossa negação em tudo aquilo que é próprio da condição humana é que pode contribuir para a salvação.

Claro que existe uma diferença real entre Deus e as suas criaturas, mas isso não nos pode levar a converter a diferença em distância e a distinção em dualismo.

É urgente repensar a espiritualidade cristã, de tal modo que fique claro que a vontade de Deus é a profunda felicidade e realização do ser humano. Não se pode continuar a falar em salvação como se ela não tivesse nada ver com a felicidade humana, no aqui e agora.³⁶

A este nível é interessante a reflexão desenvolvida por Jesus Espeja³⁷. Segundo ele temos hoje a absoluta necessidade de desenvolver uma espiritualidade mundana. A expressão, que toma de K. Rahner, certamente que pode resultar provocatória senão mesmo chocante, pois a palavra mundo ainda evoca em muitos algo carregado de negatividade, mas neste contexto quer significar a inteira família humana e o seu entorno criacional.

Uma espiritualidade mundana é, então, uma espiritualidade que é vivida não «por cima de», nem «junto de» e muito menos «contra», mas sim uma espiritualidade que é vivida no mundo. Ou seja uma espiritualidade que não se refere somente ao mais além da morte, mas também ao aqui e agora da vida; uma espiritualidade que não se preocupa só com a salvação da alma, mas também com a do corpo; uma espiritualidade que não está só reservada para as práticas religiosas (sacramentos, oração), mas que está também presente no trabalho e na diversão; uma espiritualidade que não se refira só a relação com Deus, mas que marque inspire também toda a relação não só com os outros seres humanos, como também com todos os outros seres vivos, entre os quais sabemos que podemos incluir o nosso próprio planeta.

Uma fé personalizante e vivida pessoalmente

Hoje a sociedade descobriu a importância e o valor da experiência pessoal. Isto pode ajudar-nos a perceber que essa dimensão é também fundamental na experiência cristã. Não se trata de ignorar ou tirar importância à dimensão comunitária (eclesial da fé). Ela é insubstituível e mesmo constitutiva da fé cristã. Mas até a esse nível é indispensável o assumir pessoalmente essa dimensão.

³⁶ Claro que a salvação não se reduz a esta dimensão e claro que muitas vezes as consequências das nossas opções na vida nos fazem sofrer e são custosas, mas isso não tem nada a opor-se à felicidade, à realização e, mesmo, ao prazer de viver.

³⁷ Cf. *Creer en este mundo*, 28-29.

A fé exige um processo de amadurecimento pessoal para poder ser verdadeiramente motor da vida da vida e da identidade do cristão e da construção da cidade. A experiência da fé é sempre uma experiência pessoal de encontro com Jesus Cristo e como todas as experiências de encontro entre pessoas ela não pode ser vivida por procuração.

Como diz Jesús Espeja “o ambiente de pluralismo e tolerância que traz a sensibilidade moderna e que entrou já na nossa sociedade, exigirá também uma maior personalização da fé, uma convicção apaixonada sobre a identidade cristã definida na conduta de Jesus”.³⁸

Uma presença pública e profética

Não é de todo discutível a necessidade e a importância da presença pública dos cristãos e da Igreja na sociedade. Numa sociedade democrática isso é não só um direito como um dever. Mas como realizar essa presença?

Recorro de novo às palavras de Jesus Espeja para ensaiar uma resposta:

“Pode acontecer que, insistindo em que «não são do mundo», os cristãos pensem que são superiores aos outros, têm a verdade completa na sua mão, e tratem de impô-la com a lógica do poder. Então a comunidade cristã, enquanto se engana considerando-se por cima da família humana e à margem das suas situações, perverte-se assumindo o negativo do mundo, o poder e auto-suficiência dos arrogantes. Uma presença profética exige que a Igreja seja mais parte do mundo, da família humana, pois o verdadeiro profeta nunca sai da comunidade à qual simultaneamente ama e critica; também Jesus de Nazaré não fugiu do seu povo e dos conflitos que o levaram ao martírio. E exige também que a comunidade cristã seja menos mundo, que não aceite as manhas idolátricas que desfiguram a sociedade e a criação.”³⁹

Concluindo

Porque muitas vezes pregamos e anunciamos um Deus e uma religião sem mundo, acabamos por contribuir para o surgimento de um mundo aparentemente sem Deus e sem religião.

³⁸ *Ibidem*, 33.

³⁹ *Ibidem*, 34.

Hoje torna-se indispensável um processo de discernimento que permita e facilite o estabelecimento de um diálogo autêntico, sem fanatismos dogmáticos e sem ingenuidades simplistas.⁴⁰

Esta é, certamente uma tarefa delicada para os cristãos, mas como não lembrar, a este propósito, as palavras proclamas há pouco mais de 40 anos e que continuam a ecoar hoje com toda a sua força profética:

“As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças as tristezas e as angustias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos.” (G.S. 1)

Tudo isto requer e exige certamente a constante conversão ao Evangelho. Só a conduta evangélica dos cristãos pode ser garantia de sucesso neste diálogo que proporciona simultaneamente a construção da identidade cristã e a edificação da cidade dos homens e da cidade de Deus.

⁴⁰ Tomo estas palavras de Jesus Espeja, cf. *ibidem*, 13.